

3. O fio em que tudo está suspenso

Existe um ponto entre nós e Cristo que faz "funcionar" ou não, toda a vocação e missão que recebemos, como um fio elétrico do qual depende o "funcionamento" de cada vocação. E cada vocação é importante, é grande. É sempre grande a vocação de cada batizado, do recém-nascido que talvez morra um minuto depois do batismo, ao Papa que move multidões, pois todo batizado é chamado a ser em Cristo, um filho de Deus que realiza no mundo e para todo o mundo, a Redenção, a renovação de toda a realidade, no poder do Espírito Santo derramado sobre nós em virtude da morte e ressurreição de Cristo.

Qual é este ponto, este fio que faz funcionar ou não todo o resto? Que o faz funcionar ou não, embora aparentemente tudo funcione?

Jesus diz, ou melhor, grita violentamente a Pedro: "Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um escândalo; teus pensamentos não são segundo Deus, mas dos homens!" (Mt 16,23).

É como se tudo dependesse deste "pensar", deste *phronein*, deste *sapëre*, deste sentir, perceber, experimentar, julgar... de Pedro diante de Jesus. Tudo está suspenso ao nosso pensar segundo Deus ou segundo os homens. É como uma crista, uma lâmina que divide a realidade entre o reino de Deus, onde Cristo é o Senhor e Rei, e o reino do mundo, dominado por Satanás.

Imaginemos que arrepio sentiu Pedro naquele momento, percebendo que bastava um pensamento, uma sua maneira de pensar, julgar, estar convencido de algo, que bastava um sentimento, para fazê-lo deslizar, ele a pedra sobre a qual Cristo queria edificar a sua Igreja, aquele a quem Cristo queria confiar a "gestão" universal, católica, da Redenção do mundo, para fazê-lo deslizar para o fundo de um abismo do reino escuro, de Satanás, que se opôs desde da origem ao pensamento misericordioso de Deus, sobre todas as Suas criaturas.

Aconteceu uma vez comigo, muitos anos atrás, durante o serviço militar, de cair e escorregar em um campo congelado. Não conseguia parar, não conseguia agarrar em nada, e escorregava, escorregava, sempre mais rápido em direção a um pedaço de rochas que me teria parado, mas o corpo tinha a tendência de virar, por isso corria o risco de chegar nas rochas batendo a cabeça. Foi, certamente, um dos momentos em que Nossa Senhora, meu anjo da guarda ou algum santo, me mantiveram vivo, porque alcancei as rochas com minhas pernas e botas.

Também Pedro, por alguns segundos, deve ter se sentido perdido, acabado, destruído. Isto se Jesus não tivesse, imediatamente, recolocado de pé a sua liberdade, junto com os demais discípulos, reabrindo o caminho da vocação, chamando a liberdade destes a segui-lo, e a segui-lo rumo ao seu dramático destino pascal.

"Em seguida, Jesus disse a seus discípulos: Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me..." (Mt 16,24).

A reprovação a Pedro pareceu ter destruído todo aparato eclesial apenas anunciado, com a pedra sobre a qual desejava edificar, assim como todas as outras pedras, os apóstolos por primeiro, foram desmanteladas. Ao invés, eis que Jesus, após o terremoto, recomeça imediatamente a construir, com as mesmas pedras, e Pietro por primeiro, retomando e repropondo o início, o primeiro olhar, a primeira palavra, o primeiro chamado, que os apóstolos receberam nas margens do mar: "Se alguém quiser vir comigo...".

Mas se no início era Jesus a pedir o seguimento, porque estes nada sabiam, não o conheciam, mesmo percebendo imediatamente a irresistível atração, agora é como se estes decidissem a vocação, agora devem empenhar toda a liberdade, e uma liberdade clara, iluminada, consciente do senso e significado e, portanto, da missão que comportava a vocação de seguir Cristo.

Mas, inevitavelmente, Pedro e os discípulos que ouviram estas palavras, depois do trovão estrondoso do "Afasta-te de mim, Satanás!", tiveram que colocar em conexão direta com *phronein, sapēre*, em ter o senso das coisas de Deus que Jesus colocava ao centro da questão. Estas palavras, de fato, pediam um juízo sobre si e sobre o mundo, totalmente oposto ao pensamento do mundo. Ao invés, estas palavras ilustravam o critério de um pensamento segundo Deus, e os educavam a formá-lo. Jesus, com estas palavras, como com todo o Evangelho, se fazia Mestre do pensamento de Deus, de um sentir, de um julgar, um olhar sobre a realidade de si e de tudo, aderente ao pensamento e sentimentos de Deus.

Somos filhos de uma época filosófica e cultural que reduziu muito o conceito de pensamento e, portanto, de verdade. Hoje, falar de pensamento é como falar de borboletas, algo esvoaçante e efêmero, extremamente frágil, sobre o qual não se fixar, ou quando se toca quebra, deixando-nos em mãos um pouco de pó colorido...

Quando Jesus falou de pensamento a Pedro, o fez referindo-se a um pensamento tão consistente capaz de conter toda a realidade, o Pensamento original e eterno com o qual Deus criou o universo e a história, e decidiu antes mesmo da criação do homem, alcançar sua condição fazendo-se homem e assumindo até a morte e ressurreição o seu destino, o uso também errado da liberdade que lhe dera. Reprovando Jesus pelo anúncio da sua paixão e morte, Pedro sem perceber, reproduziu a negação do pensamento misericordioso de Deus, que Lúcifer e os outros anjos exprimiram com um só pensamento contrário, um único 'não!', transformando-se de anjos em demônios.

É como se os discípulos de Cristo revivessem aquele momento fora do tempo, em que o pensamento de Deus de amar o homem até a Cruz, tivesse sido abraçado ou rejeitado pelas cortes angélicas. Pensar segundo Deus significa abraçar o desígnio divino eterno de amar o homem até a Redenção, no Sangue de Cristo. Não é possível seguir Cristo, sem abraçar este pensamento segundo Deus. Seria como voar sem asas, cantar sem som, iluminar sem luz...